

# Cores não têm donos

Eveline Alves



Ilustração  
Alexandre Mercês



# Cores não têm donos

Eveline Alves

Ilustração  
Alexandre Mercês



Copyright©2023 Eveline Alves

Direitos de Publicação: ©2023 Fábrica de Invenções Produtora e Editora (Fipe)

Revisão

**André Fernandes | Marcos Toledo**

Produção editorial

**Eveline Alves**

Projeto gráfico e diagramação

**Dilci Monteiro**

Editora

**Fábrica de Invenções Produtora e Editora**

Projeto

**A casa das histórias – Cores não têm donos**

Incentivo cultural

**SIC – Sistema de Incentivo à Cultura / Fundação de Cultura Cidade do Recife / Secretaria de Cultura / Prefeitura da Cidade do Recife**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Alves, Eveline

Cores não têm donos (livro eletrônico) / Eveline Alves;  
ilustração Alexandre Mercês. – 1ª ed. – Recife, PE: Ed. da Autora,  
2023.

PDF

ISBN 978-65-00-82675-3

1. Cores – Literatura infantojuvenil  
I. Mercês, Alexandre. II. Título.

23-175813

CDD-028.5

**Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129**

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Cores: Literatura infantil 028.5
2. Cores: Literatura infantojuvenil 028.5

Outubro · 1ª edição · Recife-PE · 2023

Todos os direitos reservados. Os direitos de edição desta obra pertencem à autora. Este livro não pode ser reproduzido, duplicado, apropriado, arquivado ou transmitido, no todo ou em parte, por qualquer forma ou meio, seja eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, apresentação presencial e/ou digital, sistema de banco de dados, distribuição na web, entre outros, sem a autorização expressa e por escrito dos detentores do copyright.

Fábrica de Invenções Produtora e Editora  
CNPJ: 40.178.875.0001/00 | Tel.: 81 995731752  
E-mail: [fabricadeinvencoes.produtora@gmail.com](mailto:fabricadeinvencoes.produtora@gmail.com)



[fabricadeinvencoes.produtora](https://www.fabricadeinvencoes.produtora.com.br)  
[www.fabricadeinvencoes.com.br](http://www.fabricadeinvencoes.com.br)

**Para todo menino que veste cor-de-rosa  
e toda menina que veste azul, sem  
preconceito com as cores, sem sentir  
vergonha de si por não seguir o padrão,  
sem criar problemas que não sejam  
de crianças e, principalmente, sem se  
importar com o que dizem as outras  
pessoas. Afinal, na vida da gente o  
que importa é o que pensamos, o que  
sabemos e o que somos.**

**À Dalva (in memoriam), minha professora  
de geografia da 5ª a 8ª série, que por  
seu jeito de cuidar, sua atenção com  
alunos e alunas e seu olhar personalizado  
sobre cada um de nós, foi, desde o início,  
inspiração para a personagem da Vovó.**



**A Martin, o maior presente que a vida me deu, por quem minha disposição acorda todos os dias. Por seus 11 anos que chegaram tão rápido e me pegaram de surpresa. Mas já? A você, meu filho, por quem sempre vou torcer e me emocionar a cada conquista. A você, para quem eu falei pela primeira vez que "cores não têm donos", quando precisei explicar que menino também pode usar cor-de-rosa. A você, muito obrigada.**

ROSA! ROSA!

ROSA!

ROSA!

ROSA!

ROSA!

ROSA!

ROSA!

ROSA!

ROSA!

AZUL! AZUL!

AZUL!

AZUL! AZUL!

AZUL!

AZUL!

AZUL!

AZUL!

AZUL!

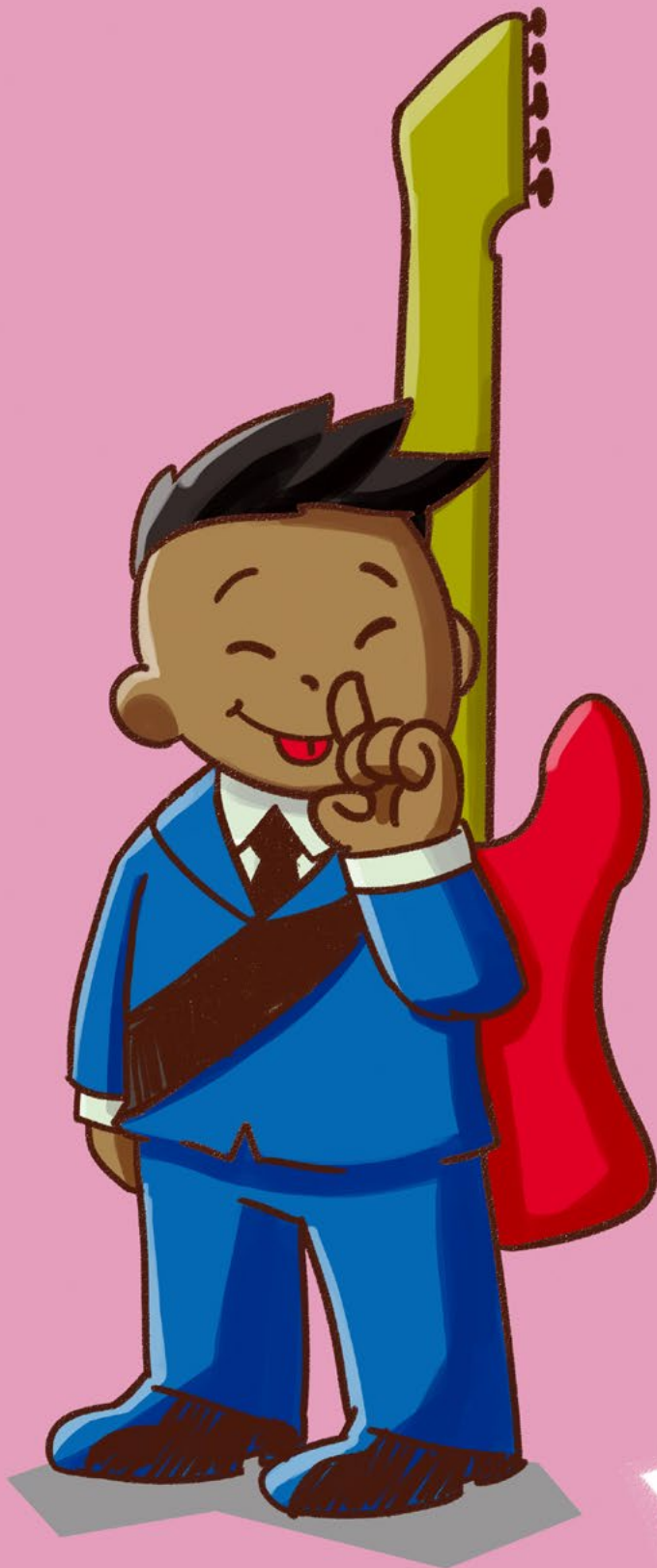
AZUL!

**Eita! Papai e Mamãe estavam arengando de novo. Eles discutiam constantemente por tudo e por nada. Em casa todo dia havia um rebuliço diferente. Era sempre um aperreio danado. Pense numa confusão! Mas aquele era um dia especial. Vem cá que eu vou lhe contar essa história direitinho e dizer exatamente o que foi que rolou. A família havia acabado de saber que em breve iria ganhar um neném. Mal receberam a notícia Papai e Mamãe já se puseram em pé de guerra de novo. A disputa agora era para saber quem iria acertar se o bebê seria menino ou menina.**



Papai queria menina. Dizia que iria ensiná-la a ser **arrochada**, corajosa e braba. Uma pequena guerreira que aprenderia desde cedo a se defender e a se virar sozinha. Iria ter **cabelo nas ventas**, como ele gostava de dizer. Já eu imagino que do jeito que ele fala ela vai ser é virada num mói de coentro. **Buliçosa e enxerida**. Pense num nó cego que vai ser para desatar esse temperamento forte todinho!





Já Mamãe queria um menino. Um lindo rapaz ou, como ela dizia, um **cotoco de gente**. Queria vesti-lo todo de azul! Iria ensiná-lo a ser doce e gentil. Não iria brincar na caixa de areia como as outras crianças, pois estaria sempre muito **alinhado**.

**Abiscoitado**, diria eu. Mas Mamãe falava que iria ensinar o bebê a tratar bem todas as pessoas. Iria fazer esportes e seria muito inteligente. Pronto. Agora ela queria estar dentro da cabeça do neném. Vê que doidice!

Ah! Ela também queria que ele aprendesse violão e guitarra.

Coitadinho. Não iria ter nem chance para ser do jeito que quisesse. O neném iria acabar ficando cheio de **pantim**. **Avalie!** Desses meninos que andam encangados na saia da mãe e comem catota. Eca! Ainda não entendi porque os adultos querem definir o temperamento das crianças mesmo antes delas nascerem. Vai saber...



ROSA! ROSA! AZUL! AZUL!  
ROSA! ROSA! AZUL! AZUL!  
ROSA! ROSA! AZUL! AZUL!

Mas até não chegar a hora de saber se nasceria um menino ou uma menina – e ainda faltava muito tempo para isso acontecer – o quiprocó continuava. Pareciam crianças! Dois pirralhos empacados.

– Rosa!  
– Azul!  
– Rosa!  
– Azul!  
– Rosa!  
– CHEGA! Já deu! Bora parar com isso! Oxe! Que aporrinhação vocês dois! Vôte!

Era Vovó Dalva, mãe de Mamãe. Vovó era uma senhora doce e gentil. Tinha grandes olhos azuis, da cor que Mamãe queria vestir o neném. E tinha uma pequena boca bem rosa, da cor que Papai queria vestir sua menininha. Vovó Dalva mora em outra cidade, não muito longe daqui. Ela se mudou porque já não aguentava tanta briga entre Papai e Mamãe. Apesar de amar muito sua filha, ela não acoitava suas ideias malucas e quando via que Mamãe estava errada passava-lhe muitos carões.



**Vovó Dalva foi morar numa cidade chamada Gravatá, conhecida como a terra do morango. Do morango, mas também do abacaxi, da batata-doce, do milho, da banana e de muitas outras coisas. Vovó morava sozinha em um sítio bem silencioso onde havia uma rede, um lindo pomar e uma horta.**



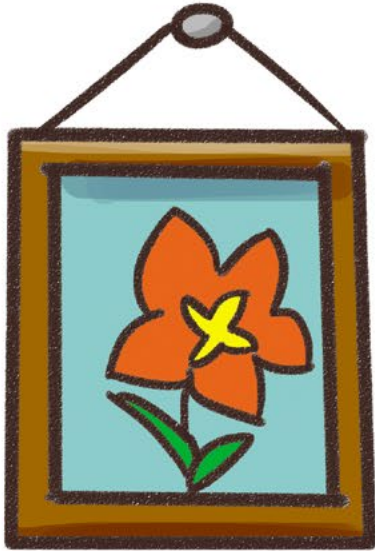
**Ela passava horas cuidando de suas plantas, mas veio ao Recife para visitar a filha que havia acabado de saber que estava esperando seu primeiro neném.**



**Ah! E aproveitou para matar a saudade da capital. Vovó adorava passear pelas pontes da cidade que são belíssimas, e sentir o vento bater em seu rosto. Ela trouxe um balaio enorme de frutas de presente para Mamãe. E bem lá no meio, uma tuiá de morangos. Mamãe adora morangos.**



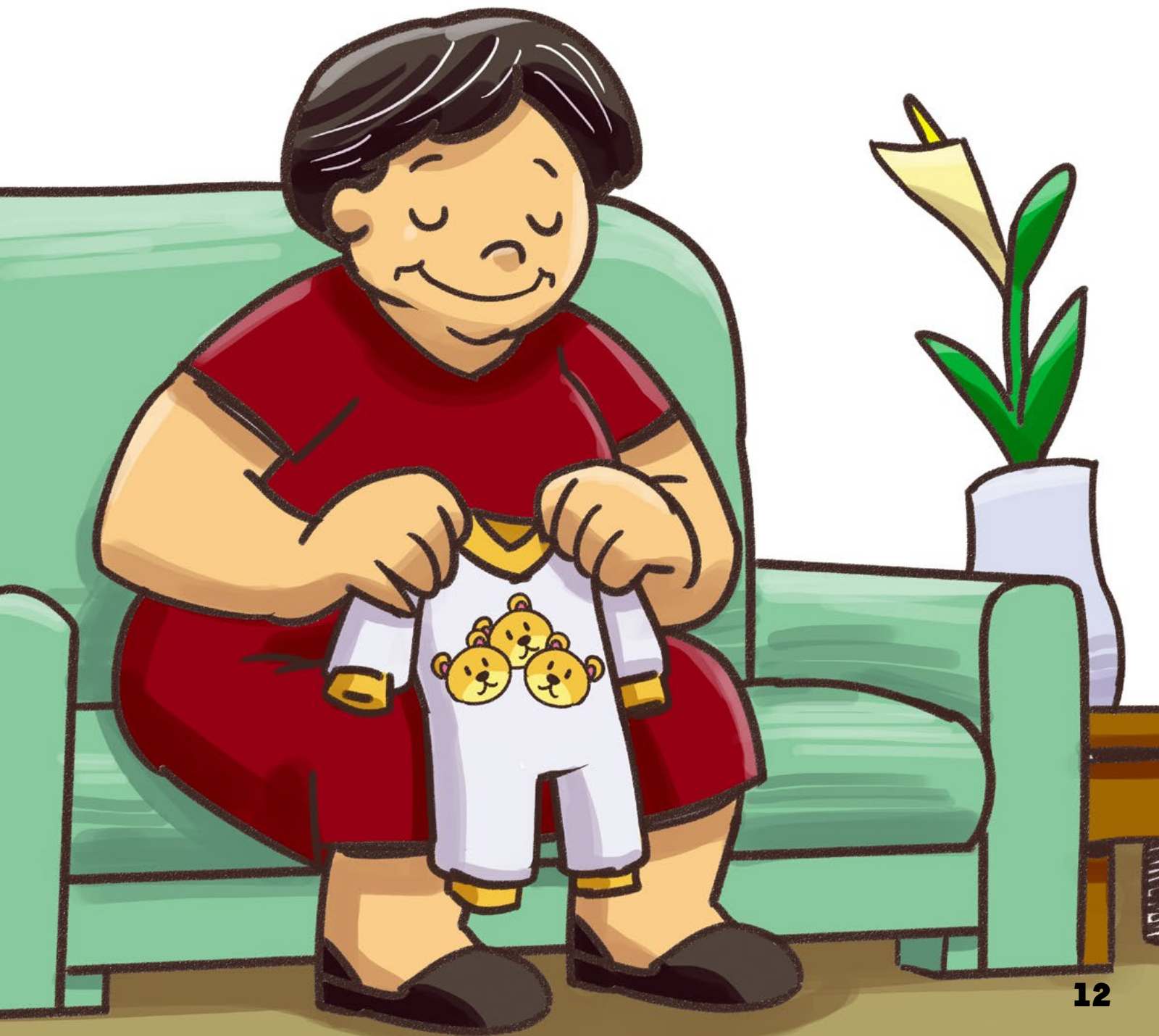
**Mas se ela comer todos os que Vovó trouxe acho que quem vai acabar nascendo cor-de-rosa vai ser o próprio neném.**



Mas voltando ao que eu estava dizendo... Apesar de ser muito tranquila, Vovó Dalva há muito já havia se invocado de tanto ouvir discussão que não levava a lugar algum. Aliás, o buruçu começou justamente por causa de um presente que Vovó trouxe para o neném: um macacãozinho branco com ursinhos amarelos.

– Oxe, mainha! Branco? – perguntou Mamãe assim que abriu a caixa.

– Mas assim ninguém vai saber se é menino ou menina... – completou Papai.



Vovó Dalva, já arrependida da escolha daquele presente, deu-se conta do que viria pela frente. Deu um pinote do sofá em que estava sentada e logo tentou encerrar a conversa.

– Vocês dois: deixem de pantim! A última coisa que o neném vai olhar é a cor da roupa que vai vestir. Isso é leseira de vocês. Se alguém quiser saber se é menino ou menina é só perguntar!

Não adiantava. A briga continuava. – Ai, ai... Antes eu tivesse trazido um mané gostoso ou um rói-rói – pensou Vovó, já aperreada e avexada para acabar com o bafafá.



– Mas como vocês pretendem vestir essa criança? – quis saber Vovó Dalva, um tanto curiosa e já agoniada com toda aquela conversa. Aqueles dois eram mesmo de rosca!

– Quando vão comprar as roupinhas? Quando vou saber se terei um netinho ou uma netinha? Isso realmente importa? E se não der para saber antes do nascimento, o que vocês irão comprar para vestir o neném?

Eram tantas as perguntas de Vovó que por alguns segundos conseguiram deixar Papai e Mamãe amuados. Mas foi só por alguns segundos mesmo. Logo se recompuseram e recomeçaram a rinha.

– Rosa!

– Azul...

Vixe! Esse povo não se acietava nunca?





- Alguém pode começar a responder minhas perguntas, por favor?  
Que azucrinação! – Vovó já estava muito invocada.  
Foi Papai quem respondeu:
- Oxe, é muito simples. A gente vai fazer como todo mundo:  
se for menino veste azul; se for menina veste rosa.  
Mamãe concordou com ele pela primeira vez. Milagre!  
– Todo mundo faz assim. É o normal, né?

Bom, Vovó não parecia achar nada normal. Nem na disputa de cores, nem na arenga sem sentido. Muito sabida, ela não pensou duas vezes para responder.

– Todo mundo quem? Não senhor e não senhora! Isso não é nada normal. Nem normal, nem simples. Simplesmente porque **CORES NÃO TÊM DONOS!**





**Fez-se um silêncio na sala. E Vovó, toda orgulhosa de si por haver, finalmente, conseguido fechar aquelas matracas, continuou:**

**– E uma pessoa não pode vestir a mesma cor a vida inteira. Meninas podem perfeitamente vestir azul. Até Nossa Senhora veste um manto azul. E já estou cansada de ver homens usando cor-de-rosa. Você mesmo – disse Vovó para Papai – tem uma camisa cor-de-rosa clarinha de botões que lhe deixa muito alinhado. E até onde eu sei você adora.**

**Papai ficou todo envaidecido. E Vovó aproveitou para seguir com sua ladainha – Já com a azul-clarinha você fica todo malamanhado. – Que baque! Papai murchou na hora. – Aliás – disse Vovó se achegando –, se você quer uma menina forte e decidida, por que vai vesti-la sempre com a cor que você quer? Deixe-a escolher! – Realmente isso fazia muito sentido.**

E você? – perguntou olhando para Mamãe, que logo arregalou seus grandes olhos, tão grandes quanto os de Vovó. – Quer um menino gentil mas já cheio de preconceito até com as cores? Se meninas podem vestir azul, por que meninos não podem vestir cor-de-rosa? Sabia que na época da rainha Vitória o rosa era vestido nos bebês meninos como uma variação do vermelho? Essa cor significava energia, força e coragem. – Vovó Dalva era massa! Gostava de ler sobre todos os assuntos e era muito bem informada.



As perguntas de Vovó eram muito pertinentes. Ela sabia que os bebês não escolhiam as cores, da mesma forma que as cores não escolhiam os bebês. Era tudo invenção dos adultos.

- Então por que vocês querem fazer essa divisão de cores?
- perguntou decidida a não abrir mão de seu ponto de vista.

Entretanto, ambos responderam ao mesmo tempo:

- Porque menino só gosta de azul e menina só gosta de rosa!

Vovó já estava quase sem paciência, mas não arredou pé, hein? Passou um belo carão nos dois. – Quem foi que falou isso? Quem saiu por aí perguntando aos bebês a cor que eles gostavam? E qual foi o neném que respondeu? Que absurdo!





**A essa altura Vovó Dalva já estava muito azuretada e foi direta, sem arroudeios:**

**– Isso é invenção de quem tem miolo de pote. Como vocês podem saber do que uma criança que ainda nem nasceu gosta e do que não gosta?**

**– Ehhh... – murmurou Papai.**

**– Bom... – começou Mamãe, mas sem dizer coisa alguma.**

**– Viram? – emendou Vovó. – Vocês não podem responder. Ninguém pode! Deixem que o neném aprenda a gostar das coisas e decida sozinho.**

**– Mas como? – quis saber Mamãe. Com o pouco de paciência que ainda lhe restava, Vovó Dalva explicou:**

**– Quando uma criança nasce não sabe nada sobre o mundo. É um livro descolorido e precisa aprender a se colorir sozinha. Você tem que dar essa oportunidade a ele ou a ela. Se você disser sempre o que o neném tem que fazer, ele nunca vai ter vontade própria.**


**Vovó lembrou como Mamãe adorava decidir sua própria vida desde que era bem pixototinha. Até mesmo os modelos e cores das roupinhas que usava era ela quem decidia: o vestido, o tamanco, a calça, a alpercata...**

**E agora queria decidir as preferências do neném? Ora bolas! Ele precisaria primeiro conhecer todas as cores para poder escolher qual delas iria gostar mais.**

**Papai, aperreado que já estava com aquela situação, resolveu se intrometer na conversa:**

**– Até o neném saber escolher ele já vai estar grande. Enquanto isso vai usar que cor?**





Vovó, já mais ou menos calma, tentou mais uma vez explicar:  
– **TODAS!** Inclusive o rosa e o azul. Assim ele ou ela irá conhecer todas as cores. E quando crescer vai poder se decidir sobre qual delas gosta mais: branco, amarelo, verde, vermelho... Não importa se é menino ou menina. Como já falei, cores não têm donos!





**Mamãe também estava muito feliz com a chegada de sua menina. E, apesar da pequena Bia estar usando o macacão branco de ursinhos amarelos que Vovó presenteou, e não uma roupa cor-de-rosa, a pixototinha usava, acreditem, um lindo par de alpercatas de couro que Vovó trouxe lá da Feira de Caruaru.**

**Naquele dia ninguém segurava a felicidade de Papai. Afinal, havia nascido uma menina. Ele havia acertado o pitaco. E isso, no mundo dos adultos, é por vezes motivo de muitas discussões. Vai entender gente grande! Eita nó cego! Arenga por qualquer coisa. Onde já se viu dar donos às cores? Sei não, viu?**

# Glossário

**Abiscoitado** - tolo; bobo; ingênuo.

**Achegar-se** - aproximar-se.

**Acoitar** - aceitar; dar guarida.

**Agoniada** - nervosa; aflita; agitada; angustiada.

**Alinhado** - arrumado; elegante; que se veste bem.

**Alpercata** - sandália de couro.

**Amuado** - emburrado; de cara fechada; com raiva; carrancudo; entufado.

**Aperreado** - perturbado; contrariado, aborrecido; apoquentado.

**Aporrinhação** - aborrecimento; amolação; aflição; aperreação.

**Arenga** - briga pequena.

**Arredar pé** - sair da frente; afastar-se.

**Arrochada** - pessoa segura; pessoa de palavra; quem faz o que promete.

**Arrodeios** - voltas dadas; não ir direto ao assunto.

**Avalie** - imagine (usado como figura de linguagem. Ex.: "Avalie o tamanho do problema").

**Avexada** - apressada.

**Azucrinação** - aborrecimento; chateação; importunação.

**Azuretada** - confusa; desnorteada; atordoada; desorientada; desequilibrada; transtornada; perturbada (psicologicamente).

**Bafafá** - confusão; bagunça; balbúrdia.

**Balaio** - cesto grande feito de palha.

**Baque** - queda; revés inesperado; dissabor.

**Bora** - corruptela de "embora" (Ex: "Vamos embora". "Bora".); vamos.

**Braba** - brava; revolta; feroz; irritadiça; rígida; tempestuosa; furiosa; irada.

**Buliçosa** - aquela que mexe em tudo.

**Buruçu** - tumulto; confusão; bagunça.

**Carão** - repreensão; bronca.

**Catota** - secreção nasal; meleca.

**Cotoco de gente** - pessoa pequena (diz-se de criança).

**Dar-se conta** - aperceber-se.

**Diadema** - tiara; arco; passadeira.

**Diana do pastoril** - personagem do pastoril; a pastora que veste as cores dos dois cordões: azul e encarnado.

**Eita** - interjeição de surpresa, espanto ou admiração; palavra usada para expressar admiração, alegria, dificuldade, espanto, surpresa ou susto.

**Empacados** – parados; bloqueados; estagnados.

**Encangados** – em cima um do(s) outro(s); juntos; inseparáveis; só andam juntos.

**Enxerida** – intrometida; atrevida; metida; ousada.

**Feira de Caruaru** – Patrimônio Cultural do Brasil; lugar de memória e continuidade de saberes, fazeres, produtos e expressões artísticas tradicionais que continuam vivos. Diz-se que lá pode-se encontrar de tudo, de roupa e acessórios à comida, brinquedos, utensílios e móveis.

**Invocado** – que tem raiva; cismado; estranho.

**Já deu** – basta; chega; ponto final.

**Ladainha** – falação interminável, aborrecida, feita por quem insiste em repetir suas ideias; lengalenga; cantilena.

**Leseira** – caráter do que é tolo, bobo, parvo; falta de ânimo; moleza; preguiça.

**Mãinha** – (regionalismo) diminutivo de mãe; mãezinha.

**Mal-amanhado** – desalinhado; deselegante; pessoa desleixada, que se veste mal; oposto de alinhado; diz-se “malamanhado”.

**Mané gostoso** – boneco de engonço cujos movimentos nas pernas e nos braços são feitos por cordões.

**Massa** – coisa boa, de primeira; agradável; bacana; bom.

**Matracas** – quem fala o tempo todo sem parar.

**Miolo de pote** – quem não tem muita inteligência; sem bom senso.

**Nó cego** – nó muito difícil ou impossível de ser desatado; diz-se de pessoa, coisa ou situação que gera dificuldade; pessoa de temperamento difícil.

**Oxe** – interjeição de espanto, indignação ou dúvida; corruptela de “oh, gente!” (variação: oxente).

**Pantim** – manha; resmungo; chilique; melodrama.

**Pinote** – pulo; salto pequeno.

**Pirralhos** – meninos; crianças.

**Pitaco** – palpite; opinião; intromissão em conversa alheia.

**Pitó** – penteado feminino em que se unem os cabelos no alto da cabeça.

**Pixototinha** – alguém muito pequeno; bem pequenininha.

**Quiprocó** – confusão; alvoroço; agitação; tumulto; alteração; discórdia.

**Rebento** – aquilo que se produz; fruto; filho.

**Rinha** – briga; rixa; disputa; briga de galos, de outras aves ou de cães ferozes; qualquer briga; peleja.

**Rói-rói** – instrumento feito de forma artesanal, ideal para crianças, sonoplastia de histórias e efeitos musicais; instrumento da cultura nordestina, muito utilizado no folclore, com o qual a criança tem a oportunidade de extravasar suas emoções produzindo sons diferentes de acordo com sua criatividade.

**Rolar** – acontecer; decorrer; realizar.

**Ser de rosca** – pessoa ou situação difícil; complicada.

**Virado num mói de coentro** – endiabrado, travesso; diz-se do indivíduo preso de nervosismo ou de agitação, elétrico.

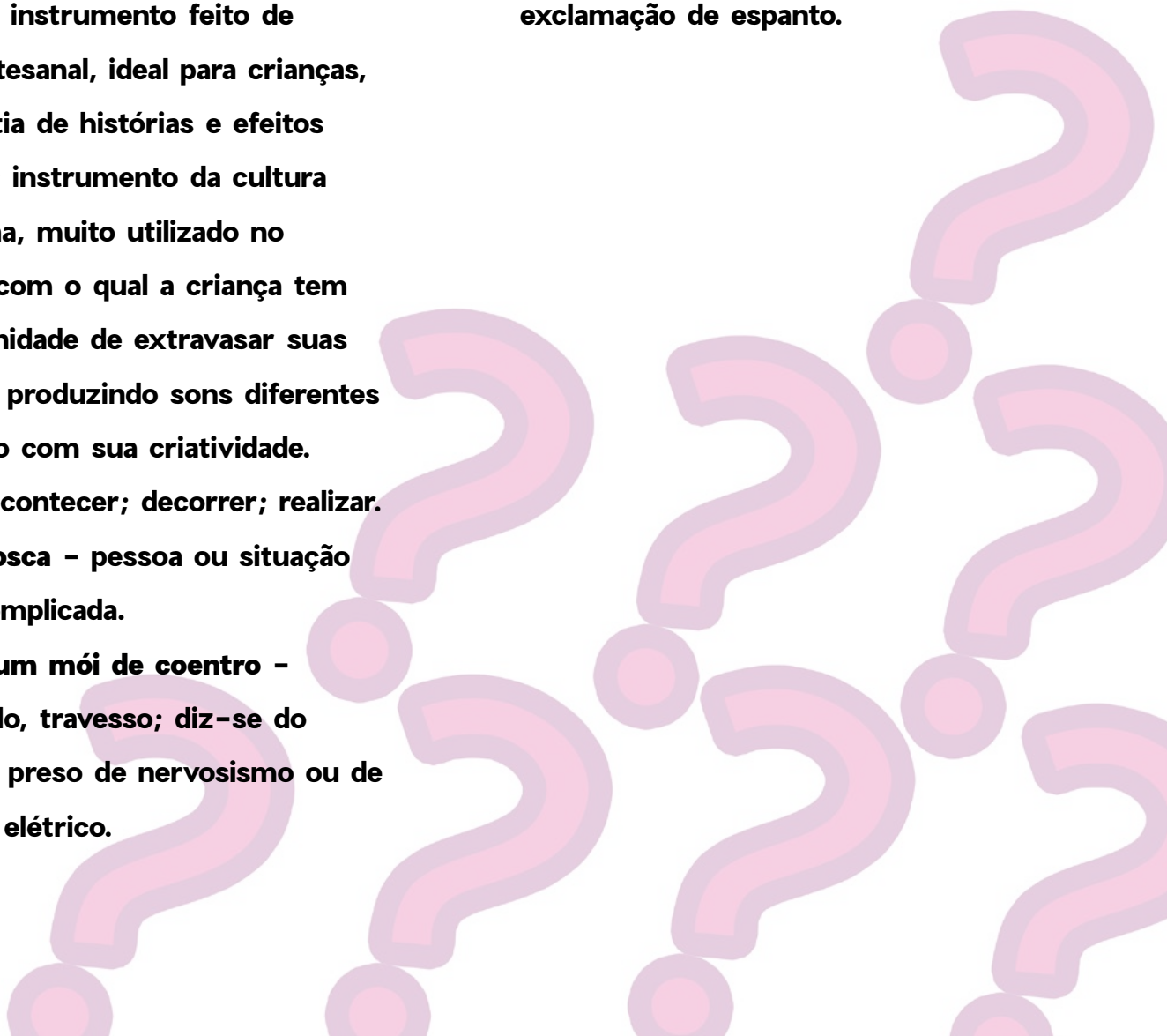
**Tamanco** – calçado feminino com base de madeira.

**Ter cabelo nas ventas** – pessoa explosiva, irritável; pessoa assertiva, ousada, valente.

**Tuia** – corruptela de tulha; muito.

**Vixe** – corruptela de virgem (a Virgem Maria); exclamação de surpresa ou espanto.

**Vôte** – interjeição usada expressar desprezo, espanto, repulsa, surpresa; exclamação de espanto.





## **Eveline Alves**

**Defensora ferrenha da cultura nordestina, a jornalista, radialista e produtora cultural Eveline Alves descobriu-se escritora após a maternidade. A criatividade aflorou quando se viu tecendo enredos, delineando narrativas, arquitetando relatos e recontos para explicar ao filho as coisas do mundo. Muitas vezes a motivação partia dele, por meio de perguntas ou de situações cotidianas. As respostas a tantos questionamentos vinham embaladas em infindáveis histórias. Foi inspirada nesse amor pela cria que a pernambucana, autora de *A lagartinha que queria voar* e *A turma da lagoa*, construiu personagens, escreveu contos e fábulas, elaborou projetos, criou um festival infantil, formou uma banda com sotaque regional, abriu uma fábrica de invenções e contou histórias. Entre tantas atividades que desenvolve na carreira e na vida, quando alguém pergunta qual é sua profissão, a criativa resume todas em uma, que dá origem e sentido a tudo: "Sou mãe de Martin".**





**Papai e Mamãe estão prestes a ter o primeiro filho e se veem envoltos com a ansiedade gerada pelo acontecimento, traduzida em pequenas, porém, constantes discussões sobre o sexo do bebê, interrompidas apenas por Vovó Dalva, uma mulher de opinião forte e que não aceita rótulos pré-definidos. Enquanto arengam para saber quem acerta se será um menino ou uma menina estabelecem que, independentemente de quem vença a disputa, o enxoval será todo produzido de uma única cor: rosa, em caso de menina, ou azul, em caso de menino. Sem se deixar intimidar é Vovó quem chama atenção para o problema e traz à luz algumas formas de resolvê-lo de maneira plural, mais colorida e bem mais democrática.**

Realização:



Apoio Cultural:



Secretaria  
de Cultura



ISBN: 978-65-00-82675-3

